RELATO DE EXPERIÊNCIA IDENTIFICADO

"O COLETIVO RESPIRA PARA QUE ELLA POSSA RESPIRAR": ESQUIZODRAMA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA-TERAPÊUTICA

"THE COLLECTIVE BREATHES SO THAT ELLA CAN BREATHE": SCHIZODRAMA AS A PEDAGOGICAL-THERAPEUTIC PRACTICE

Ludimylla Oliveira de Andrade Gouvêa[1]. Patrícia Castro de Oliveira e Silva[2].

1. Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Unigranrio | Afya, Campus Barra da Tijuca.

2. Docente do curso de Psicologia da Universidade Unigranrio | Afya, Campus Barra da Tijuca. Autora correspondente: patricia.castro@afya.com.br.

Eixo Temático: 01

RESUMO

Este trabalho objetiva relatar a experiência de um trabalho esquizodramático desenvolvido com uma turma dos períodos finais da formação em psicologia e seus desdobramentos. Inicialmente, a klínica com K, fundamentada no conceito de clinâmen dos filósofos atomistas e proposta por Gregório Baremblitt objetivando a produção de processos de singularização e desvio, foi toda planejada para que as(os) estudantes vivenciassem e se apropriassem da metodologia de maneira tranquila e controlada. Porém, logo de início, com a instrução de que caminhassem pela sala de aula se olhando nos olhos, houve uma produção de desvio: uma aluna teve uma crise de pânico e não conseguia respirar. Assim, utilizamos a mesma klínica esquizodramática para a resolução da crise de ansiedade no coletivo onde ela foi disparada. Foi demandado que cada jovem parasse onde estava e respirasse em uníssono para que Ella (conforme aqui a nomeamos) pudesse respirar. Em torno de 50 alunas(os) construíram coletivamente um desfecho positivo com a cessação da crise e uma experiência metodológica e terapêutica inesquecível para todas(os) que dela participaram.

Palavras-chave: Ansiedade. Psicodrama. Educação superior. Ensino. Pânico.

ABSTRACT

This paper aims to report on a schizodramatic project conducted with a class of psychology students in the final stages of their training, as well as the subsequent developments of that experience. Initially, the klínica with a K, grounded in the atomist philosophers' concept of clinamen and proposed by Gregório Baremblitt to foster processes of singularization and deviation, was carefully planned to allow students to experience and internalize the methodology in a calm, controlled manner. However, right at the start, following an instruction to walk around the classroom while making eye contact, an unexpected deviation occurred: a student suffered a panic attack and was unable to breathe. We therefore utilized that same schizodramatic klínica approach to resolve the anxiety crisis within the very group setting where it had been triggered. The students were asked to stop where they stood and breathe in unison so that “Ella” (as we call her here) could breathe again. Around 50 students collectively brought about a positive outcome, resolving the crisis, and created an unforgettable methodological and therapeutic experience for everyone involved.

Keywords: Anxiety. Psychodrama. Education, higher. Teaching. Panic.

INTRODUÇÃO

O esquizodrama é uma teoria, metodologia e técnica desenvolvida por Gregório Baremblitt[1] com base na Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari[2,3]. Não se ancorando em diagnósticos ou normas pré-estabelecidas e fixas de atuação, essa abordagem propõe uma prática artesã, viva e plural. Conforme Baremblitt[1], o esquizodrama se desenvolve por Klínicas com K. As klínicas baseiam-se no conceito de clinâmen (desvio ou inclinação) que diz respeito ao fato de os átomos, em queda livre, por vezes, esbarrarem-se e construírem novos e impensados desvios, novas rotas. Para os filósofos atomistas, clinâmen refere-se a um desvio aleatório e imprevisível dos átomos em sua trajetória retilínea através do vazio. Pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari empregaram o termo para descrever as “multiplicidades” e a estética do desvio, sugerindo que a natureza é ordenada, mas contém desvios que a tornam criativa, em vez de um sistema totalmente regulado.

Deste modo, na klínica com k provocamos processos de desterritorialização, desvios e novos fluxos do desejo, desviando das capturas de modelos instituídos socialmente, objetivando a produção de novos e libertários modos de existência. Sendo mais uma ferramenta a ser utilizada na formação em Psicologia de modo que as(os) estudantes se apropriem da mesma para uma atuação em diferentes campos, com diferentes grupos e em diferentes contextos.

Nesse sentido, este resumo objetiva relatar a experiência de um trabalho esquizodramático desenvolvido com uma turma dos períodos finais da formação em psicologia e seus desdobramentos. Inicialmente, a klínica foi toda planejada para que as(os) estudantes vivenciassem e se apropriassem da metodologia de maneira mais tranquila e controlada. Porém, logo de início, com a instrução de que caminhassem pela sala de aula se olhando nos olhos, houve uma produção de desvio: uma aluna teve uma crise de pânico e não conseguia respirar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O esquizodrama de Gregório Baremblitt[1], desenvolvido ao longo de 50 anos, é conforme seu autor uma episteme, pois compõe-se de teoria, método e técnica (as klínicas). O esquizodrama bebe na fonte da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari[2,3], mas também de pensamentos provenientes de filósofos como Nietzsche, Bergson, Leibniz, Foucault, Marx e, para nós, neste trabalho, especialmente de Espinoza, com a concepção de encontros alegres e tristes. A vida acontece nos encontros.

No encontro, do qual trata este relato, o objetivo era utilizar uma klínica esquizodramática para que o corpo discente vivenciasse alguns conceitos aprendidos ao longo das aulas. Deste modo, enquanto experiência pedagógica que preserva o anonimato de todas as pessoas envolvidas, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética. Além disso, a participação era livre na atividade. Foi criada uma klínica que considerava o número de participantes, o ambiente da sala de aula e o período em que estavam na formação em Psicologia, tendo o objetivo pedagógico como primordial, de modo que a turma pudesse se apropriar da técnica ao vivenciá-la. Nos colocamos em círculo, de pé, com uma música instrumental suave ao fundo, e a professora foi conduzindo a turma para que, de olhos fechados (quem quisesse e pudesse), percebessem como sentiam seu corpo e respiração naquele momento. Em seguida, a respiração passou a ser conduzida pela professora de modo que toda a turma inspirava fundo e soltava o ar pela boca lentamente, fazendo um pequeno barulho de mar ou de vento com a boca, num respirar uníssono. Num terceiro momento desta etapa foi pedido que as(os) alunas(os) encontrassem seu ritmo para respirar e, mais uma vez, sentissem seu corpo, possíveis diferenças e/ou novas sensações.

Em seguida a música foi trocada para uma música instrumental um pouco mais agitada, e a orientação foi a de que a turma caminhasse pela sala se olhando nos olhos. Nesse momento uma aluna se aproxima da professora e informa que não consegue respirar porque estava tendo uma crise de ansiedade. A partir deste desvio, a klínica planejada foi sendo artesanalmente modificada, objetivando um processo terapêutico feito no coletivo para sanar a crise de ansiedade de Ella (nome fictício). A música foi imediatamente parada e a professora perguntou a Ella se podia colocar a mão em suas costas, ao que Ella respondeu afirmativamente. Com uma das mãos afagando suavemente as costas de Ella, a professora pediu que todas(os) parassem onde estavam e seguissem a cadência respiratória da professora: “Pessoal, vamos todas(os) respirar juntas(os) para que Ella possa respirar, ok?”.

A turma inteira passou a respirar em uníssono e a professora percebeu que Ella estava respirando junto e se acalmando. Não se ouvia nenhum ruído na sala a não ser a respiração coletiva. Quando Ella já estava mais calma, a professora pediu que cada qual encontrasse seu ritmo respiratório singular. Nos sentamos em círculo e discutimos o que tínhamos vivido. As(os) alunas(os), inclusive Ella, estavam extasiadas(os) com a experiência.

Espinoza nos coloca que o encontro é o cerne dos afetos, em relações que se manifestam no encontro com outras pessoas, com ideias, seres inumanos, coisas etc. Os encontros alegres são aqueles que ampliam nossa potência de vida, já os encontros tristes nos esvaziam. No caso em questão, começamos com um encontro triste entre Ella e o coletivo. Caminhar pela sala de aula e olhar nos olhos da sua turma era profundamente desafiador e desencadeou a crise de ansiedade. Deste modo, a compreensão da professora-esquizodramatista foi a de que, se foi naquele coletivo que se deu o mal encontro, era nele que se deveria transformar a experiência num encontro alegre. Não foi aventado retirá-la da sala para fazer uma intervenção individual naquele contexto. Essa estratégia demonstrou-se eficaz não apenas pela reversão da crise de ansiedade, mas porque todo o coletivo se beneficiou da experiência pedagógica-terapêutica. Uma das discussões que surgiu foi justo a da necessidade de mais envolvimento entre as pessoas e do quanto tinha sido “de arrepiar” o silêncio da sala apenas com as respirações uníssonas, o quanto “foi bom poder ajudar coletivamente” uma pessoa em sofrimento, e para Ella foi um momento inesquecível que a marcou de tal modo que hoje, formada, é esquizoanalista e tem tatuada na pele a frase: “a vida acontece no encontro”.

CONCLUSÃO

A força de técnicas grupais como o esquizodrama, que neste caso foi aplicado grupalmente, mas também pode ser aplicado individualmente, com famílias, instituições etc., não está apenas no exercício em si, mas no processo que ele desencadeia: a intersecção entre o pensar, sentir e agir de cada momento e de cada pessoa do e no coletivo. Tais técnicas, como a klínica esquizodramática, permitem questionar limitações, superar encontros tristes, como diria Spinoza, e criar novas formas de atuação que trabalhem para além da linguagem com outras formas de comunicação, tanto no processo pedagógico como terapêutico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Baremblitt G, Amorim M, Hur D. Esquizodrama: teoria, método e técnica/klínicas. 3. ed. Belo Horizonte: IGB; 2021.

2. Deleuze G, Guattari F. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. Orlandi LBL, tradutor. São Paulo: Editora 34; 2011.

3. Deleuze G, Guattari F. Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie 2. Paris: Les Éditions de Minuit; 1980.